

CORPOS NO SAMBA DE CACETE: DANÇA ANCESTRAL, TAMBOROS GIRAS E GINGAS NA EDUCAÇÃO AFROCAMETAENSE¹

Carmen Lucia Barbosa

Mestra em Educação Brasileira

Universidade Federal do Ceará

RESUMO: Essa pesquisa trata dos marcadores das africanidades no Samba de Cacete, do ponto de vista de moradores de um quilombo da região de Cametá, no Pará e da vivência com o grupo de Samba de Cacete liderado por Dona Iolanda do Pilão. Na escola, juntamos alunos de oitava série e membros da associação comunitária numa vivência Sociopoéticas criando *confetos* – conceitos metafóricos – acerca do Samba de Cacete e as dimensões de tradição oral africana, a prática do *convidado*, forma de mutirão, o histórico do Samba de Cacete e sua relação com a história da comunidade e a dimensão de pertencimento afro, em afirmar-se ou não negro/negra quilombola. A identificação do pertencimento afro pelo grupo através dos marcadores das africanidades no Samba de Cacete. Na expectativa de contribuir na escola quilombola com a implementação da lei 10.639/2003.

Palavras-chave: Marcadores das africanidades. O Samba de Cacete como facilitador do Pertencimento afro. Sociopoética.

INTRODUÇÃO

Compartilho minha pesquisa e estudos atendendo o chamado dos tambores nas suas várias manifestações, em especial, o Samba de Cacete, no município de Cametá no estado do Pará. Estar nessas rodas comunitárias com objetivo de alimentar essa tradição dos tambores, procurando entender de que forma ela se apresenta na comunidade como marco resgatador e afirmador de nossa ancestralidade africana. Cooperando com a lei nº 10.639/03 e possibilitando a educação brasileira o aprofundamento e reconhecimento das práticas educativas da cultura africana presentes nas rodas de Samba de Cacete como espaço relacional entre o indivíduo com sua subjetividade, e o coletivo, onde se fazem os processos de construção do conhecimento.

¹ Este é um resumo expandido da Dissertação de Mestrado no programa de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (2015), sob Orientação da Prof^a Dr^a Sandra AydêePetit. (<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17041>)

Este trabalho chega pelas trilhas de minhas memórias de histórias que me foram contadas e apresent aqui em quatro ensaios que denominei de CUNVIDADOS², inspirando-me nos mutirões onde acontecem as festividades com o Samba de Cacete.

No primeiro “Gira Cores na Roda Gigante, Ginga nas Rodas de Samba Minhas Memórias de Criança”, onde nasceu meu desejo por esta pesquisa e delineio traços de minha ancestralidade e sua ligação com o Samba de Cacete.

Em “Samba de Cacete e Resistência nos Quilombos: Origem e Ritual dos Tambores que Tocam Saudades”, segundo, localizo lugares de resistência afrocametaense, de Quilombos com o Grupo de Samba de Cacete de Dona Iolanda do Pilão e com pessoas da escola Achilles Ranieri para produzirmos a história do Samba de Cacete.

O “Samba de Cacete: corpos que dançam na tradição oral africana”, apresento o conceito de tradição oral africana e os elementos da cosmovisão africana que transversalizam o Samba do Cacete.

Em pesquisa Sociopoética o quarto “Um prelúdio sociopoético ritimando a aula entre confetos e serpentinas” são trilhas de como me tornei arteducadora e como esse momento se relaciona com as tradições ancestrais que me envolveram e que me conduziram até aqui.

Num ensaio visual apresento em (vídeos, fotografia, fanzine, desenhos, música, poesia,...). Colaborando com o acervo de Cultura Popular, de Pesquisa em Educação, Arteducação, História da África e dos Afrodescendentes e como política de afirmação étnico-racial sobre o Samba de Cacete no município de Cametá e região do Baixo Tocantins no Pará.

Por fim “A FORNADA”, é onde traço considerações finais sobre o Samba de Cacete e a educação afrocametaense.

GIRA CORES NA RODA GIGANTE, GINGA NO SAMBA MINHAS MEMÓRIAS DE CRIANÇA.

²O Samba de Cacete está ligado intimamente à família, à figura da mulher, à coletividade, ao trabalho e à religiosidade, apresentando-se como uma prática cultural isolada de outra e em muitos momentos compondo práticas culturais diferenciadas. No Cunvidado (trabalho coletivo para o plantio da mandioca coma presença de música e dança), que é praticado em diversas comunidades quilombolas do Baixo Tocantins, o Samba de Cacete é identificado como um dos principais elementos que constituem o conjunto de rituais de trabalho, religiosidade, musicalidade e dança da referida prática. No Cunvidado o Samba de Cacete antecede o início dos trabalhos no roçado e marca o final das atividades de plantio da mandioca. O Samba de Cacete também marca o final das atividades religiosas do Bambaê do Rosário e do Marierrê-arrá, momento em que os integrantes desses dois grupos e demais devotos dos santos por eles festejados se reúnem para cantar e dançar. (Fragmentos do capítulo 33 - Samba de Cacete – origem, musicalidade e dança). Samba de cacete ou siriá? (Do Livro de Manuel do Socorro Valente, no prelo).

O tambor entrou na minha vida como herança de minha mãe e meu pai e nas rodas de família, nos terreiros, nas casas de Santo, na rua e de minha presença em festejos em Cameté que marcaram profundamente minha infância e minha vida. Foi na cozinha de casa, quando criança, que via minha mãe, Dona Joana Oliveira Soares (1933-2007), cabocla linda lá de Cameté³, em mais uma das muitas rodas de macumba⁴. O quintal, cuidado por ela, era uma verdadeira farmácia viva. Também era cenário para as rodas de samba e serestas reunindo pessoas tocando, cantando em variados ritmos, entre eles, o Samba de Cacete e sambas de roda. Importante semelhança no aspecto cultural das histórias nos contada no livro: Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté sobre a cultura africana.

Ainda no que se refere ao núcleo familiar, é exatamente aí que a vida transcorre em todas as manifestações. A educação, o trabalho, a alimentação e o lazer não possuem paredes. Ou seja, o tempo todos estes aspectos estão ligados sem barreiras, divisões. Os espaços onde ocorrem estas ocupações são o mesmo. A cozinha tem como espaço o quintal das casas, onde também trabalham os artesãos, onde brincam crianças, onde se toca o balafo (Instrumento musical similar ao xilofone ou marimba). (BERNAT, 2013, p.35).

Meu pai, Getúlio Ephigênio Barbosa (1932-2006), também natural de Cameté. Conhecido Mestre Gegê do Bandolim, me deu como herança às tantas belezas sonoras e vibrantes. Bebi nessas fontes das giras de cores, gingas sagradas.

A referência aos ancestrais para o africano é outra constante no cotidiano, os mortos são sempre lembrados, estão sempre presentes. (...) A referência do ancestral é para o africano um combustível que o orienta e norteia sua presença hoje. Este diálogo entre gerações e tempos amplia a dimensão da vida e nos coloca como parte de uma corrente (BERNAT.2013,p.46).

SAMBA DE CACETE – RESISTÊNCIA QUILOMBOLA DOS TAMBOROS QUE CANTAM SAUDADES.

Cameté é lugar de Quilombos e tem na tradição das rodas, o Samba de Cacete, que marcam o ritmo de nossa identidade ancestral nos cantos africanos. Conversando com o grupo de Samba de Cacete de Dona Iolanda do Pilão e outr@s mestres para contar nossas histórias. Dona Iolanda Gomes dos Santos, 72 anos, desde os cinco anos de idade dança o Samba de Cacete que aprendera através de sua mãe, nos conta:

(...) porque eu me entendi conhecendo o Samba, então não tinha grupo, quando iam plantar roça, Aqueles que queriam, olha hoje é aniversário do Fulano! Vamos bater o

³Cidade localizada no nordeste do Estado do Pará a margem esquerda do rio Tocantins.

⁴ Nome usado na região que se refere à Umbanda, Candomblé ou rituais com tambores e reza. Também uma espécie de árvore africana e instrumento musical utilizado em cerimônias de religiões afro-brasileiras.

Samba! Vumbora, ai iam pra lá tinha bebida batiam o Samba. Então o nosso grupo começou assim a gente brincava, a gente fazia bem aqui numa casa, onde a Dona agora já morreu, iam lá batiam o Samba. Também faziam aqui em casa, mamãe festejava São Raimundo Nonato. (Dona Iolanda do Pilão).

O Samba de Cacete surgiu ainda na época da escravidão e neste período era cantado e dançado numa espécie de ritual melancólico e saudosista da terra natal. As localidades da região do Baixo Tocantins que mantêm presentes essas manifestações são: Igarapé Miri, Cametá, Mocajuba e Baião, sendo que aqui em Cametá é mais forte. E nas localidades remanescentes de quilombo como o Mola, Juaba, Tomasia, Laguinho e Igarapé Preto, Carapajó, Curuçambaba, Maranhãozinho se mantêm essa tradição. O Samba de Cacete embala os mutirões na comunidade.

(...) O sentimento de igualdade e de solidariedade é revivido e estimulado nas danças de roda, retomando-se os modelos mitológicos que justificam os movimentos do mundo, a unidade cósmica, aproximando e possibilitando importantes rituais de sociabilidade e também de inclusão, de pertencimento a um grupo, a uma sociedade, a um povo. (Lody& Sabino, 2011: p.20). PETIT: 2015, p. 2.

Assim, o Samba de Cacete que assume características coreográficas e melódicas específicas quanto aos instrumentos, dança e música. O toque dos tambores caracteriza-se pelo toque do calcanhar e dos cacetes, o que não ocorre em outras manifestações brasileiras de origem africana.

SAMBA DE CACETE: CORPOS QUE DANÇAM NA TRADIÇÃO ORAL AFRICANA

As festas, a música e a dança são elementos importantes de resistência e de marcadores da tradição Oral Africana.

O objetivo final dessa reflexão, não é de discutir a dança na perspectiva da dançarina e do dançarino, e sim da pedagoga e do pedagogo, visando a *pretagogia*, o referencial que criamos para a formação de professores/as envolvidos/as em produzir dispositivos para implementar no currículo escolar e universitário, a história e cultura africana, afro-brasileira e afrodiaspórica. (PETIT, 2015.p.71).

Nas rodas de Samba de Cacete tem axé, esse poder gerador de espaço, de continuidade, de tradição⁵. Em suas letras, na voz do (a) cantador (a) se resgata o cotidiano da comunidade, as palavras simples da gente cabocla, esse canto popular – traz em seu ritual uma prática educativa. Nessas rodas se aprende e se ensina, a viver, a namorar, a trabalhar. A dança narrativa do pisar o barro, o canto popular, a oralidade do tambor.

⁵A tradição - entendida como o conjunto de saberes transmitido de uma geração para outra - é uma das vertentes da *Arkhé*. A herança cultural repassada (a tradição é uma forma de comunicação no tempo) faz dela um pressuposto da consciência do grupo e a fonte de obrigações originárias, que se reveste historicamente de formas semelhantes à regra de solidariedade. Como a ação hierática, relacionamento com o sagrado, o jogo ocupa o lugar central no mundo das culturas de *Arkhé*. O culto aos deuses, com seus rituais - onde vigora a linguagem não conceitual dos gestos, imagens, movimentos corporais, cânticos- é a matriz de todo o jogo e... Faz parte do centro vital das culturas africanas que se disseminam no território nacional brasileiro. (SODRE, 1988, p.115-116)

Assim nos conta Raimunda de Nazaré Cohén Veiga, “Dona Sinhazinha”, 80 anos de idade, moradora da Vila de Carapajó, Município de Cametá.

"Quando o meu bisavô, José Justiniano de Moraes Bittencourt veio de Roma pro Brasil, ele parou na Bahia e de lá ele trouxe alguns escravos pro engenho aqui do Carapajó. Aqui os escravos batiam Samba de Cacete".⁶

UM PRELUDIO SOCIOPOÉTICO RITIMANDO A AULA!

Por impossibilidade de realizar etnografia com o grupo de Dona Iolanda, optei por estudar quais os marcadores das africanidades que os quilombolas da região do Baixo Tocantins apontam espontaneamente através da vivência sociopoética realizada com el@s e quais os *confetos* – conceitos metafóricos – que tecem acerca do Samba de Cacete. Para tanto, efetivei dois momentos que aconteceram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Achilles Ranieri na Vila de Matias onde juntamos 25 pessoas para essa vivência sobre as africanidades no Samba de Cacete. Preparamos um momento de relaxamento com musica. Uma dança com movimentos suaves. Uma historia contada.

Assim nos pareceu alentador a possibilidade de experimentar uma vivência fundada na oralidade. Contos, histórias e ditados estão no centro da tradição africana. Através do exercício com os contos são trabalhados aspectos que necessitam de um engajamento total do contador com a palavra, o sentido, as imagens, a sonoridade, o ritmo e a transmissão do conhecimento. (BERNAT, 2013, p.25).

Essa Vivência sociopoética permitiu depreender cinco grandes subtemas relativos a esses marcadores que identificam as africanidades que perpassam o Samba de Cacete, assim passamos a compor a 2º VIVENCIA SOCIOPOÉTICA:

1. Estação Pertencimento: Uma Arvore de africanidades, onde a história de cada participante foi desenhada (espécie escolhida pelo grupo) e plantada simbolicamente na comunidade.
2. Estação: Luz, Câmera Ação: Contar as historia da Comunidade e do Samba de Cacete. Construir coletivamente personagens, cenários, roteiro, personagens, iluminação, sonoplastia e apresentação.
3. Estação O CUNVIDADO: Conversando sobre cada conceito: Alacridade - União - Circularidade - Roda - Ubuntu - Favelas- Quilombos – danças africanas. Montamos um JOGO DA MEMORIA sobre o Cunvidado como proposta de material didático.
4. Estação TRADIÇÃO ORAL: Compor um Novo Samba de Cacete na Cozinha com letras conhecidas deles temperamos a sopa com musicalização, letra, ensaio e apresentação.

5- Estação QUILOMBO: Conto uma história de Quilombo. Como é um Quilombo? Mostro os elementos de africanidades presentes nas histórias contadas por eles e convido o grupo a produzir um Fanzine:

A FORNADA é o que apresento como os elementos marcadores das africanidades que encontrei tanto dito pelos grupos pesquisados, quanto nos estudos bibliográficos que realizei e que venho sugerir como formas de aproximação e fortalecimento entre escola e comunidade. Produzimos possibilidades poéticas de aprofundamento à educação brasileira sobre o reconhecimento das práticas educativas da cultura africana presentes nas rodas de Samba de Cacete. Buscando cooperar com a lei nº 10.639/03⁷

Sem a relação mencionada, certamente, permanecerá inacessível e inconcreta a divulgação e produção de conhecimentos escolares, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de sua pertença étnica de descendentes de africanos, de povos indígenas, de europeus, de asiáticos, para interagirem na construção de uma nação e escola democrática, em que todos, equitativamente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade étnica e cultural valorizadas. (VIDEIRA, 2005, p.222.)

Quando cantamos essas histórias acordamos nossa mãe, avós, avôs, quem partiu e virou semente para estar conosco nas festas, nas orações. Vozes que não emudecem por serem vozes de minha ancestralidade.

Referências:

BERNAT, Isaac. **Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PETIT, Sandra Haydée: **Pretagogia**: pertencimento, corpo- dança afroancestral e tradição oral – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

SABINO, Jorge ; LODY, Raul. **Danças de matriz africana**: antropologia do movimento. Rio de Janeiro: PALLAS, 2001.

SODRE, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo dança afrodescendente do Amapá**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

⁷Altera a LDB, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, de forma transversal, mas com ênfase na história, literatura portuguesa e educação artística. Em 10 de março de 2008 essa lei foi ampliada por outra, a 11.465/08 que mantém o mesmo teor, acrescentando, porém o ensino também da cultura e história indígena no currículo escolar. (Acessado de: http://sintep.org.br/site_novo/Legislacao)

